



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário:
Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração — Rua Dr. Parreira, 13—Telefone 127—TAVIRA — Composição Impressão—Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266—TAVIRA

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
L I S B O A - 2

CASAS PARA O POVO ATRAVÉS DAS CASAS DO POVO

SENDO uma das maiores aspirações do homem o ter o seu próprio lar, modesto, mas onde viva com a sua família em ambiente de paz e felicidade, muitas são as dificuldades que lhe surgem em mente quando sonha com a realização dessa aspiração. Geralmente não tem dinheiro, referimo-nos principalmente ao trabalhador rural, nem terreno nem nada, e o ter a sua casa representa um sonho irrealizável.

Hoje, porém, graças à Lei n.º 2092 todos os trabalhadores, mesmo os do campo, podem tornar realidade esse sonho. Esse importante diploma veio resolver um dos mais instantes problemas sociais do nosso País — o da habitação, e graças a ele já muitos operários e trabalhadores rurais usufruem, hoje, dessa grande regalia.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DA VIAGEM PRESIDENCIAL

Na Subdelegação Regional da Mocidade Portuguesa, desta cidade, por iniciativa do sr. Dr. Ofélio Bomba, Subdelegado Regional da M.P., foi inaugurada uma exposição de fotografias documentando a recente viagem Presidencial às nossas províncias de Angola e Moçambique.

Trata-se de um belo documentário onde se vê nitidamente espelhada no rosto das multidões, a alegria por tão honrosa visita, prova eloquente de que os portugueses brancos e de cor, sentem arder no peito a chama viva da Pátria.

O Chefe do Estado é respeitado e estimado pelo povo, regressando à metrópole cheio de alegria, pelas manifestações de carinho que lhe tributaram.

Felicitamos o sr. Dr. Ofélio Bomba pela simpática ideia de mostrar aos portugueses de tenros anos quanto é belo este exemplo de amor da gente portuguesa.

Com efeito, qualquer trabalhador, mesmo o simples trabalhador rural, pode construir, ampliar ou beneficiar a sua casa desde que seja sócio da sua Casa do Povo, ou, sendo operário, se for beneficiário da Previdência. Mediante um empréstimo, amortizável a longo prazo e com juro baixíssimo, é-lhe facultado o dinheiro ne-

Continua na 4.ª página

PARABENS, CONCEIÇÃO DE TAVIRA

QUANDO na pretérita sexta-feira, dia 11 de Setembro, os altifalantes do Pavilhão dos Desportos, anunciaram o Rancho Folclórico da Casa do Povo da Conceição de Tavira, já a impaciência se apoderara do público presente, desejoso de ver exhibir-se um Rancho Folclórico Luso, capaz de ombrear com as magníficas exhibições do «Ballet

Continua na 2.ª página



O Rancho Folclórico da Conceição de Tavira em exibição

IMAGENS E TESTEMUNHOS

FOI-NOS dado apreciar há dias, uma exposição de fotografias sobre a viagem presidencial às terras de Moçambique, na sala do Cen-

provocou em nós emoções de diversos cambiantes.

Há imagens que nos dão o o testemunho do destemor do homem perante todo e qual-

Continua na 4.ª página

POR
Maria José Rebelo

tro de Mocidade de Tavira. E o carácter das imagens que ali vimos, através da nossa análise objectiva e subjectiva,

BENS A DEFENDER Instrumentos de valor Arqueológico

A SITUAÇÃO da cidade de Tavira, sobre as ruínas dum dos centros mais importantes de antigas civilizações, torna-a uma estação arqueológica da primeira classe, com direito à atenção e estudo, não só de quem se interessa pelas notícias das épocas extintas, como dos que têm o encargo de organizar o catálogo dos valores etnológicos da província, como instrumento subsidiário da história e inventário de bens pertencentes ao património espiritual da cidade.

Há valores tão do conhecimento de todos, tão por assim dizer de uso quotidiano, que nem dá mão falar em tal, pois a verdade é que o que menos admiramos é o que constantemente temos diante dos olhos.

No entanto, num futuro que pode ser próximo, os taviren-

ses arriscam-se a que um estranho se dê como descobridor de preciosidades existentes entre nós, de que, uns pobres ignorantezinhos que somos, não nos demos ainda conta, e vangloriar-se de nos revelar os nossos tesouros, com o que supõe nos fará altíssimo serviço e se apresentará feito rei em terra de cegos.

Isto é aquele mínimo a que em geral conduzem já não digo certos descuidos, porque o descuido não existe em absoluto, mas certas delongas em reali-

Continua na 2.ª página

A FEIRA E AS FESTAS de SANTO ESTEVÃO REALIZAM-SE HOJE E AMANHÃ

Hoje, iniciam-se, conjuntamente com a importante feira local, os tradicionais festejos promovidos pela Sociedade Recreativa de Santo Estevão.

Hoje, abrihantará o baile o Conjunto Machado e colaborará na festa o fadista Manuel Fernandes.

Amanhã, haverá ginca de bicicletas motorizadas, na parte da tarde e à noite, dancing abrihantado pela orquestra Balsinea e apresentação da cançonetista Maria José Valério.

Fébricas iluminações e vistosos fogos de artifício, completarão o excelente programa da festa.

Santo Estevão, a típica aldeia do concelho de Tavira, veste-se hoje de galas para receber a avalanche de forasteiros que a visita.

S. MARCOS DA SERRA EM FOCO

Amigo Zé da Serra: totalmente de acordo com os pontos de vista da sua carta inserta no «Jornal do Algarve» de 5/9/64. Nós, quando aí estivemos em Março deste ano com Torquato da Luz, estudamos esse magno problema, o qual tem de ser resolvido para bem de todos os serranos e também de Portugal.

A Serra, onde não produza o trigo com rendimentos proveitosos, terá de ser revestida de arvoredo adaptável: Sobreiros, pinheiros, eucaliptos, castanheiros etc...

O Estado tem de olhar de frente, com muita atenção, este grande problema e achar a sua solução, com a respectiva urgência.

O País carece de aumentar a sua riqueza, e o Serrano não pode viver de braços cruzados perante a improproductividade das suas terras debilitadas, impróprias para a cultura cerealífera.

S. Marcos da Serra, uma vez pronta a sua nova e bela estrada, ficará em óptimas condições de «meter» as suas baixas a regadio, povoando essas terras de auranciáceas e outras frutíferas estimadas, em vez de oliveiras e o chão destina-

do apenas a uma simples cultura de pragana, tendo os poucos abertos nessas terras abundância de água e bons motores paralizados!

A sua nota sobre os jovens
Continua na 4.ª página

UNS DIAS EM SANTA MARGARIDA...

NUMA agradável digressão pelo Algarve fixamo-nos uns escassos dias em Santa Margarida; e que maravilhosos eles foram! Pudemos, sem qualquer receio, considerá-la como um dos magníficos refúgios para aqueles que exaustos da agitação da vida moderna, nela vêm encontrar o repouso de que necessitam.

A sua monotonia é quebrada pelo cântico dos pássaros que edificaram o seu ninho neste aprazível local e, como eles, algumas pessoas aí vivem em harmonia e sossego.

Nas poucas noites que aqui passámos, pudemos contemplar o magnífico céu algarvio, que só no campo, devido à falta de iluminação artificial, se pode mostrar tão belo.

Uma vida árdua e ingrata a dos trabalhadores rurais que, dia após dia, cavam, lavram, semeiam e colhem. Mas, mercê do suor do seu rosto, são compensados pelo pão quotidiano.

E nós, cidadãos; aprendamos a amar a Natureza, essa Natureza que o trabalhador tão bem soube aproveitar, apreciando em Santa Margarida tudo o que de belo se depara aos nossos olhos.

Dois amigas em passeio.

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

MONSTRUOSIDADES I

Temos acompanhado nos jornais os relatos tristes de vários crimes, qual deles o mais monstruoso. É a mulher que ao dar à luz o filho o enterra na areia da Praia. A que faz negócio com uma filhinha de 2 anos, vendendo-a como qualquer mercadoria sem valor... Um nunca acabar de maldade e de ódio!

Trata-se de mulheres que na idade em que normalmente se encara a vida com bondade, alegria e sinceridade, se apresentam monstruosamente criminosas, projectando à sua volta a sombra de muitos erros da actual geração!

Essa mocidade torva de

mulheres, a contas já com a Justiça, ergue-se sinistra e ameaçadora como abismo de que se deve fugir.

Fatalidade?... Destino?... A Vida é toda ela um romance estranho, onde as personagens se degladiam umas às outras e onde as vítimas são, afinal, mártires da fatalidade que as perseguiu infatigavelmente!

Perversidade — lhe chamam
Continua na 2.ª página

Instituto de Socorros a Náufragos

Na actividade de Socorros a Náufragos, desenvolvida durante o 1.º semestre de 1964, salientam-se 252 salvamentos.

O Salva Vidas «Tavira», desta cidade, salvou 39 vidas.



Vista parcial de S. Marcos da Serra

Crónica de Lisboa

Continuação da 1.ª página

alguns! Mas o que é certo é que os crimes vão-se sucedendo através dos séculos sem que possamos evitá-los!

A medida que a Vida e o Mundo como um filme se vão desenrolando aos nossos olhos, vamos ficando, cada vez mais desolados pela imoralidade que campeia por toda a parte! Crimes de todas as espécies — alguns desculpáveis outros monstruosos — vão continuando a dar-se diariamente pelo Mundo, sob todos os regimes políticos, sob todas as filosofias, sobre todas as vigilâncias e todas as religiões!

E ocorre-nos perguntar: De que serve tanta civilização, tanto progresso material e intelectual, se a alma humana há-de continuar a ser sempre o mesmo ponto de interrogação, sempre o mesmo mistério, sempre um indecifrável enigma?

Venha o que vier, faça-se o que se fizer, crie-se, invente-se, mas sobretudo lute-se por um Mundo melhor capaz de dar às pessoas aquele indispensável equilíbrio feito de amor e solidariedade humana.

NOITES DE VERÃO...

De tudo o que de belo o Verão nos reserva, as noites são sem dúvida, o que mais prende e encanta os nossos olhos! Ao contemplarmos as noites no Tejo, — talvez pela paixão que o Mar exerce em nós — olhando o firmamento, sentindo que as suas estrelas nos arrebatam o pensamento e enfeitam a alma, esquecemo-nos até dos problemas da vida, para vivermos apenas o que de grandioso e belo cabe nesses momentos de contemplação.

Quem há que, sentindo, como nós, a necessidade de não viver apenas as horas prosaicas de que se compõe a existência dos Homens, não goste de olhar para a beleza infinita do Céu, deixando que o seu pensamento vagueie ao sabor da sua fantasia e do seu sonho!

Noites de Verão, em que a natureza parece ter parado, parece enamorada de si própria! Estamos sentados à beira do Tejo olhando a silhueta da sua ponte que começa a definir-se! Tudo é silêncio! O vento dormindo distante e tudo parado, tudo sereno, tudo absorto!

Dir-se-ia que o Mundo se quedara estático para não perturbar toda a poesia e toda a beleza desta Princesa do Tejo, que se remira enlevada nas águas do seu Rio, nas noites calmas e luarentas de Verão!

Ao longe, do lado de Cacilhas, — onde a imagem do Cristo-Rei põe uma nota de religiosidade e ternura — começa a desenhar-se a silhueta imponente dum Grande Hotel que, construído na falésia, parece querer despenhar-se sobre o Mar! Enquanto do lado de cá, frente à Ribeira das Naus, terrenos inhóspitos e mal cheirosos «lamentam» que não sejam aproveitados para a construção de esplanadas debruçadas sobre o Tejo e que seriam, — estamos certos — grandes cartazes turísticos nestas noites lindas de Verão!

Lisboa é, não há dúvida, uma linda Cidade! Que pena os Portugueses não quererem ou não saberem aproveitar melhor as suas maravilhosas belezas!

UM AMIGO!

Morrer é sempre triste! Até a própria luz do dia, quando desaparece no horizonte, parece levar consigo a alegria da Terra!

Morrer é sempre triste! Quer seja uma flor, quer seja uma

criança, quer seja uma avezinha, quer seja um dia de Verão, quer seja um sorriso de Mulher, — quer seja a esperança dum velho... Tudo o que parte para não mais voltar deixa atrás de si um rasto de amargura e de saudade!

Se mesmo aqueles que nada valem, no momento em que desaparecem muitas vezes deixam saudades a alguém, — como havemos nós de nos conformar com a notícia da morte de um soldado cuja alma de português ajudamos a formar?

Velho amigo que partiste! Descança em Paz! A notícia da tua morte, em Angola, chocou a nossa sensibilidade! Esclamamos a recordar-te quando os teus 20 anos, cheios de saúde, de vida, de entusiasmo e de alegria, pareciam contagiar todos os teus camaradas! Descança em Paz! O teu sacrifício em terras distantes, pela grandeza desta Pátria que queremos imortal, não será em vão!

Conceição de Tavira

Continuação da 1.ª página

Gallego» de La Corunha ou do grupo «Beurrée d'Aurillac» de La Haute-Auvergne.

Ouviram-se os primeiros sons dos harmónios, e com a bandeira «alvi-negra» da Casa do Povo da Conceição à frente, fez o nosso Rancho a sua entrada na vasta sala, no meio de vibrantes aplausos, como que a significarem que todo aquele público confiava neles, moços e moças da Conceição.

A expectativa não foi iludida e com um aprumo e disciplina de enaltecer, foi por eles escrita, mais uma brilhante página na gloriosa história do Rancho, alcançando um êxito que honra o nosso folclore e particularmente o da nossa região, essa tão cantada e linda região de Tavira, pois que a presença das etnografias portuguesa, espanhola e francesa, permitiu estabelecer comparações que são sempre úteis para esclarecer os espíritos e proporcionar conhecimentos seguros.

Numa breve apreciação, diga-se, que o folclore espanhol se distinguiu pelo luxo dos trajes, riqueza de danças e imponência das exhibições; o francês pela galanteria, graciosidade e harmonia exibidas, mas o nosso e particularmente o da Conceição, foi preferido pelo público por ser o mais verdadeiro e sincero e recordo ainda o momento de exhibição da «Alma Algarvia», dançando cada par individualmente, agora o Veríssimo, depois o Campos, o Fernando, o Acácio, enfim foi o corolário da magnífica exhibição e tremulos de satisfação vimos no fim o sr. Fernando da Quinta, novo ensaiador do Rancho, receber parabéns pelo seu trabalho e o sr. professor José Joaquim Gonçalves, sem dúvida o incansável organizador de todo o grupo. A ambos, tal como a todo o agrupamento, deveremos estar gratos e fazer sinceros votos pelos futuros êxitos.

Com a exhibição do «Ballet Gallego» da Corunha e a colaboração de ranchos de Viana do Castelo, Santarém, Tavira e La Haute-Auvergne, encerrou-se o festival folclórico internacional, promovido pela Zona de Turismo, no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

Humberto R. F. Simão

COURELA

Vende-se no sítio das Solteiras, com algum arvoredo.

Tratar com Francisca Campos, Rua Álvares Botelho, 53 — Tavira.

BENS A DEFENDER

Continuação da 1.ª página

zar o inventário dos nossos próprios bens.

Perdas, expropriações e apropriações indevidas, má conservação, falta de presença intelectual e a errônea suposição da imbecilidade podem exemplificar perigos de mor cuidado.

Estácio da Veiga, Ataíde de Oliveira e Emilio Hubner são três nomes congregados a quem o Algarve e a nossa região muito devem, em labores de estudos pré-históricos, proto-históricos e conhecimento de povos passados na península, de cuja civilização a área do nosso concelho foi teatro.

Assim, com os achados arqueológicos devidamente estudados, demonstraram que a antiga Balsa se situou entre as actuais freguesias de Sant'Iago de Tavira, Luz e Santo Estêvão, portanto muito próximo do centro do concelho, ficando Tavira nos subúrbios da velha cidade que, com Ossónoba, Baesuris, Castobriga e Mirtillis se considerava dos mais importantes centros da população que os Romanos encontraram ao sul da Península e fizeram incorporar no convento pacense, ou seja, na relação de Pax-Júlia.

Foi, pouco mais ou menos, dentro da área indicada que se abrigou a velha metrópole de que apenas dão testemunho achados de acaso ou pequenas pesquisas pobremente encaminhadas por falta de verba, sem dúvida.

Elas revelaram, só por si, além de restos habitacionais, uma necrópole, circo, banhos e ajudaram a construir a hipótese duma via derivada da Coluna Áurea, junto ao Coliseu, no centro da antiga Roma, ou pelo menos dum ramal desta via, pois os fragmentos de cipos funerários atestam com o seu «saúde a quem passa» que, segundo o costume se encontravam num caminho e caminho importante.

As inscrições denotam nomes de famílias ilustres (Mantio Rutília), os achados representam pequenas coisas: lucerna patera, cipos, lacrimatórios, fragmentos do circo que era esplêndido, altares, uma ânfora e pequenos bronzes e moedas; as habitações parecem nobres e as construções de carácter monumental, que pena é não se terem mostrado como seria para desejar, já por as escavações não terem sido o que deviam, já porque a região pode ter sido posteriormente teatro de grandes lutas, já porque os Árabes, que não tinham gosto pelas construções romanas e nem mesmo consideravam aquela civilização, trataram de substituir tudo o que puderam por trabalho e organização sua, afectos como foram ao doce clima do Algarve, o mais parecido com o do seu país natal.

Acrescente-se que os achados arqueológicos não se limitam à área onde se supõe a existência da antiga Balsa ou Ibalsa. Para os lados da Asseca, e nas vizinhanças de Santa Rita encontraram-se, também, por obra do acaso, recordações romanas, se não ainda mais antigas, pois os Turdetanos também se demoraram nesta região, sem falar nos Fenícios e Cartagineses que nela estacionaram.

Mas não só as lembranças da velha Balsa merecem inventariadas. As recordações mouriscas, as dos séculos em que a Nacionalidade se foi desenvolvendo e afirmando, as provas que marcam a nossa própria personalidade e os testemunhos de quanto valeram e valem os filhos de Tavira não podem, dentro da ideologia que nos rege, continuar ao desbarato até que venha qualquer estranho rir-se dos pobres diábolos, coitados, que não sabem o que

Imagens e Testemunhos

Continuação da 1.ª página

quer irracional, ainda mesmo que ele seja o seu rei — tal a foto em que se vê Sua Ex.ª o Sr. Presidente no Parque da Gorongosa, a uns escassos metros de um leão; outras de amor paternal, aquelas em que o Supremo Magistrado da Nação beija e afaça as crianças e há então outras, as mais numerosas, que nos falam de momentos mais altos, de ideais superiores, são as patrióticas, nas quais uma amálgama confusa, indistinta, imensa e firme, demonstra, das mais diversas formas — gritando aclamações, ostentando dísticos, lançando flores, batendo palmas — a sua ufania, o seu orgulho, a sua fé jamais decrescida e empobrecida pela sua Pátria tão distante, em solo pátrio, mas tão perto de todos os corações, pela mensagem de amor e confiança levada até eles, por Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República.

As imagens não são como palavras, que as leva o vento, são factos! São marcos milenários que não se destroem e negam ao sabor das paixões. Elas estão lá bem nítidas e reais, bem conscientes e consciencializadoras e que haja o primeiro que as tentar denegrir. Vontade não faltaria a alguns talvez, àqueles que se insurgem contra isto e aquilo, mas que desses próprios argumentos se servem para fazer a sua fortuna e que mais não são do que abortos vitalizados duma sociedade perene.

E todos mas especialmente aos homens de pouca fé, aconselhamos que façam o que nós fizemos e visitem a mesma, porque há por aí muito ignorante que precisa de ver, mas com olhos de ver para acreditar; e, se nós dispomos dos meios adequados para os ajudar a sair da sua burriquite levemo-los até lá. Mostremos-lhes que ali não há fantasia nem preocupações de bem parecer; há só almas, milhares de almas de pertença preta, branca ou mestiça, irmanadas num só desejo comum e ao mesmo tempo intrinsecamente pessoal de agradecimento e louvor aos chefes e acima de tudo um forte desejo de se manterem unidos à sombra da sua e nossa querida e sagrada Bandeira.

Meu desejo seria também, que em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América essas mesmas fotografias fossem reveladas e apresentadas em público porque, uma vez que os seus re-

J. P. FARIA

ENFERMEIRO, MASSAGISTA
CALISTA

Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo N.º 62
Telef. 139-144 — TAVIRA.

têm e não avaliam o que é seu.

De sobejo conhecemos que estas notícias nada têm de novidade. Todos os tavienses que se prezam de o ser têm bem patente na consciência o fundo antiquíssimo em que assentam os arraiais da cidade e todos avaliam com justiça o que o passado, século a século, nos legou.

O que nestas despreziosas linhas que não são mais que o rumor da cana agitada pelo vento se pretende frisar e frisar, é que não pode haver de longas na organização do catálogo do património histórico da cidade, medida muito mais económica, muito mais eficiente e sensata que a organização desse museu, vergonhosa quando não bem e honrosíssima quando de modo a honrar os que a empreendem.

porteres andaram por terras de além-mar acompanhando a viagem de Sua Ex.ª, tiveram ensejo de, a seu tempo, verificar tudo o que aqui temos anotado. Para esses e muito especialmente para os americanos elas constituem uma bela lição apoiando-se em duas fortes contradições:

A primeira porque nos atacam apresentando-nos como forte ameaça da paz em África, e a segunda porque, nes e país de povos pacíficos a segregação racial é um problema de tão graves características e tão insolúvel que basta fazermos uma anotação estatística: em Nova Iorque 250 000 crianças não se apresentaram nas Escolas, em virtude da integração racial...

Este número bastante sugestivo é reputado mais que suficiente para por si só dar uma ideia, ou melhor, estabelecer uma comparação entre nós portugueses e eles americanos. É a bom entendedor, meia palavra basta...

A finalizar, endereçamos à Mocidade Portuguesa de Tavira, pela magnífica ideia de levar a efeito tal exposição.

Livros e Revistas

Eva — Publicou-se o n.º 1112, referente a Setembro, desta apreciada revista feminina, em cujo sumário se destacam os temas «Prala, Moda e Actualidades», que com prazer recomendamos às nossas leitoras.

Ciência e Técnica Fiscal — Referente a Junho, recebemos o n.º 66 deste útil boletim da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos. Estudos, questões práticas de processo das Contribuições e Impostos.

Documentos, notas e comentários, resoluções administrativas, etc, etc, eis o sumário do presente volume.

Jornal Feminino — Referente a Agosto, recebemos o n.º 161 desta bem colaborada revista feminina que se publica no Porto, cujo sumário é de interesse geral.

Revista Turismo — Dedicado à nossa provincia de Angola, publicou um excelente número especial esta magnífica revista de arte, paisagens e costumes de Portugal, inteligentemente dirigida pelo sr. Bandeira Duarte.

Trata-se de um interessante volume, verdadeiro documentário da vida daquela nossa importante provincia, tendo anexo um álbum da Viagem Presidencial a Angola.

Rodoviária — Publicaram-se os números 1 e 7, referente a Julho, desta excelente revista de transportes e turismo.

Notas sobre a Indústria Nacional de Cortumes — Da autoria do sr. Dr. Eduardo Godinho, recebemos um pequeno volume intitulado «Notas sobre a Indústria Nacional de Cortumes».

Ensino Pecuário — Recebemos um pequeno volume com o título acima, o qual insere uma conferência pronunciada na sede da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, da autoria do sr. Dr. José Mousinho Figueiredo, Médico-Veterinário.

Obras de Shakespeare — Publicou-se o fascículo n.º 29, desta obra monumental que insere uma das mais belas peças do imortal escritor, o Hamlet.

Numa primeira edição insere as maravilhosas tragédias de Shakespeare, uma obra que deve figurar nas mais exigentes bibliotecas.

CASA

Vende-se na Rua Capitão Manuel Baptista Marçal, 12, em Santa Luzia.

Informa Francisco Machado, Campo dos Mártires da República, 2 — Tavira.

PRÉDIO

Acabado de construir, com excelente r/c destinado a stand de automóveis, ou a estabelecimento moderno, arrenda-se na Rua José Pires Padinha, com saída para a Rua Dr. Parreira.

Aceita propostas José Semão das Neves, telef. 151 — Tavira.

LAGOS *Retratada...*

AO dar início, nas colunas do prestimoso baluarte "Povo Algarvio", com a publicidade das minhas simples observações, dando-lhes semelhante título, desejo frisar que, com tais "retratos", quero dizer: com tal título, apenas que todas as minhas observações relativas a Lagos, são feitas fielmente, sem subterfúgios, como quem foca objectivamente algo com a sua máquina fotográfica.

E também devo dizer que, quando faço referências nos jornais de qualquer terra, ou de individualidades, dentro da respectiva respeitabilidade, não o faço com a idêa de lisonjear seja quem fôr ou mesmo para que toda a gente concorde com a minha forma de pensar, porque, sei muito bem, o que agrada a «A», pode não agradar ao sr. «B», e em Lagos, muito mais do que em qualquer outra terra, o sr. «A», quando senhor de qualquer chave ferrugenta, julga-se senhor do seu nariz e até do mundo... e manobra essa chave a seu belo-prazer, não se importando com os seus elevados deveres perante os seus concidadãos e a própria Nação.

O sr. «A» não trilha ou evita trilhar o sr. «B» porque, é lógico, pode o sr. «B», algum dia, tornar-se, por sua vez, feudal senhor dessa mesma chave ferrugenta...

Ora, eu, não me importo com o sr. «A» nem com o sr. «B». Parece-me que estou dentro dos meus primordiais direitos, como lacobrigense e como português.

Deste modo, convencido de que a verdade — muito embora ela seja representada por uma mulher nua, de olhos vendados, saindo do fundo de um poço — deve ser sempre proclamada, custe o que custar, em prol da colectividade, dentro da dignidade, vamos passar, desde já, a focar Lagos, tentando servir-la com muita sinceridade e dedicação.

Um poço e uma parede que têm dado que falar

Sousa Discarreta, meu velho amigo, tem bradado, ultimamente, aos céus, no "Jornal do Algarve", e eu também refreicei nesse jornal a sua idêa, martelando a mesma tecla, mas tem sido como Paulino no Deserto... nem um simples eco, ao menos!

E' que, ali para os lados do Chão Queimado, foi a fábrica de conservas de peixe do sr. José de Abreu Pimenta mandada deitar abaixo, pelo motivo de ficar junto à Avenida dos Descobrimientos; porém, um pouco mais abaixo desta fábrica, no outro lado da mesma Avenida, está uma outra fábrica; esta ficou de pé, apesar de se encontrar pegada ao velho Castelo dos Mouros! A nossa admiração é devida a terem sido destruídos muitos prédios pegados, nalguns pontos, às antigas muralhas da cidade, e aquela fábrica, oriunda de franceses, ter ficado de pé — como que a escarnecer do povo de Lagos, da cidade e da Nação!

E tanto mais, que o actual proprietário da dita fábrica não é de Lagos e as conservas fabricadas na aquela fábrica saem da nossa cidade como se fossem fabricadas em Portimão!!!

Aquela fábrica fôra ali erguida por cidadãos franceses, há já muitos anos; conheci nela apenas dois guarda-livros. O primeiro saíra para outra fábrica e hoje é sócio-gerente de uma firma da mesma indústria. E o último guarda-livros acabou por comprar a fábrica aos seus patrões, tornando-se industrial. Segundo consta, tais patrões faliram.

E' nesta fábrica, pegada ao velho Castelo (monumento nacional) e junto à Avenida dos Descobrimientos, que abriram um poço, destruíram a harmoniosa vedação junto à mesma Avenida, planta orientada pelo sr. Ministro das Obras Públicas, distinto Cidadão Honorário de Lagos, para, no seu lugar, levantarem uma horrenda e alta parede, com mais de 3 metros de altura, a tijolo, sem estética, desfeando o conjunto que se lhe segue ao longo da mesma Avenida!

Quem é este antigo guarda-livros e novo industrial que consegue obter em Lagos o que os meus conterrâneos abastados não conseguem e até destruir a obra mandada levantar pelo sr. Ministro das Obras Públicas?!

Chamamos mui respeitosa-mente, a atenção de Sua Excelência para esta singular anormalidade.

De quem são as ruas da cidade de Lagos?

Eis uma pergunta deveras simplória, à primeira vista, mas que tem a sua razão de ser:

Ultimamente, os quatro principais cafés que Lagos possui, em um momento dado, tornaram-se, por assim dizer, donos dos passeios e das faixas de rodagem, ficando estas perigosamente estranguladas, de tal forma, que dificultam o trânsito aos veículos e aos próprios peões!

Se tais passeios e ruas fossem bastante largas e dessem para o assentamento de mesas e cadeiras, para os srs. frequentadores de cafés se delectarem à sua belíssima vontade, nós não faríamos o mais leve reparo. Porém, a grande dificuldade que tudo isso oferece para a boa conductibilidade dos veículos, e o imenso perigo para os peões, obrigam-nos a bradar contra tal determinação, em nome de uma cidade — que não pertence apenas a 4 simples proprietários de cafés!

A Avenida dos Descobrimientos carece de vassoura e de vigilância

Estamos em crer que a Avenida não foi feita para a recolha de redes e vergas dos barcos de pesca. E' que há por ali constante amontoado de redes e de vergas. O lixo dá uma nota muito triste às pessoas que por ali passeiam.

Alguns inconscientes têm o desplante de guardar tais redes no relvado, por debaixo das pequenas árvores da Avenida!

Também, muitos desses inconscientes atravessam o relvado, aqui e além, espezinhando-o especialmente frente ao Castelo, matando os chorões, ficando em seu lugar faixas de terra despida de verdura! Não haverá alguém na Câmara capaz de meter estes vândalos na devida ordem?

As plantas da Avenida, por motivo do terreno ser muito seco, estão clamando por água... ao menos a ver se as pobrezinhas se aguentam até às primeiras chuvas do inverno que se aproxima.

Por hoje, ponto final. Até ao próximo domingo.

Manuel Geraldo

Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Fernanda Gomes (Chagas Reis), D. Maria Cristina Gomes, D. Maria de Lurdes da Fonseca e Silva e os srs. Francisco Apolinário da Fonseca e Silva e o menino José Miguel Bernardes de Matos.

Em 21 — D. Ana Maria Cansado Carvalho de Campos Henriques, D. Maria João do Carmo Guerreiro, D. Maria da Conceição Sala, meninhas Ana Maria Marques Romamãna Farrajota, Maria Luísa Correia Matos Fernandes, sr. Ezequiel Mateus Neto e o menino Júlio Pires Modesto.

Em 22 — D. Catarina Jacinta Fernandes, D. Maria João do Carmo, D. Julieta da Graça Pereira Lourenço, D. Almerinda da Conceição Viegas, menina Maria Gisélia Vaz de Jesus, meninos José Manuel Lagoas Gonzalez, José Sebastião Viegas Matos e os srs. José António de Jesus Pereira e Luís Gonçalves Mascarenhas.

Em 23 — D. Maria Amália Ribeiro de Sousa Larcher Gomes, D. Maria Amália da Cunha Carvalho Moraes e os srs. Eng. João Ollas Maldonado e José Ribeiro Ramos.

Em 24 — D. Maria Helena Gomes Chagas Pereira da Silva, D. Maria Solange Padinha Barão, Dr.ª D. Mariete Mercês de Oliveira Bombarda Garcia, Mlle. Maria Mercês Nobre e os srs. José de Oliveira e Virgílio Jorge Gilde da Costa.

Em 25 — D. Maria Luísa dos Santos Correia Neto, srs. Gilberto de Oliveira Gonçalves, António Carlos Marques Trindade, menina Maria Pereira Gonçalves e menino José Luís da Cruz Quintino.

Em 26 — Menina Luísa Maria Frangolho Teixeira, Mlle.ª Maria Manuela Lopes Figueira e o menino Rui Manuel da Conceição Esteves.

Partidas e Chegadas

Com sua família anda em passeio pelo estrangeiro o nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Carlos Costa Picoito, distinto advogado.

Com sua família encontra-se na Luz de Tavira, no gozo de férias, o nosso prezado amigo e assinante sr. José Anastácio Brás, residente na Alemanha.

Com seu esposo, sr. sargento João Francisco Rodrigues, retirou para a sua casa em Lisboa, a nossa conterrânea sr.ª D. Lidia Lopes Rodrigues.

No gozo de férias, encontra-se nesta cidade, com sua família a nossa assinante em Lisboa, sr.ª D. Maria Ivone Bravo Santos.

De visita a sua tia, encontra-se nesta cidade com a família, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Arnaldo Palma Rodeira.

Com sua esposa retirou desta cidade o sr. Dr. Manuel Rodrigues de Oliveira, ambos conceituados

professores da Escola Técnica de Tavira, que vão exercer idênticas funções na Escola de Regentes Agrícolas de Évora.

Do simpático casal de distintos professores de ensino técnico, desejamos muitas prosperidades no desempenho das novas funções.

Com um grupo de pessoas amigas foi passear a Sevilha, a sr.ª D. Edite Neves Valente, esposa do sr. António Seita Valente, comerciante da nossa praça.

Com sua família seguiu para a sua casa na capital, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José Augusto Baptista Pires, funcionário público, aposentado, que aqui veio gozar as suas habituais férias.

Gasamento Elegante

Realizou-se no dia 30 de Agosto, o casamento da sr.ª D. Maria Lavinia Rodrigues Machado, funcionária da FNT, com o sr. Alfredo Ramos Dias, chefe do pessoal menor da FNT.

Apadrinharam o acto por parte da noiva sua prima Jíromina Correia Mota e seu primo António do Nascimento, chefe da Contabilidade da Sacor, por parte do noivo seus sobrinhos sr. Alfredo Dias, empregado de escritório e D. Maria Manuela Dias. Após o casamento foi servido um copo de água numa sala da FNT.

Os noivos partiram para Sintra em férias.

Doente

Encontra-se em Lisboa onde foi sugerir-se a um tratamento o nosso prezado amigo sr. Paulo Gonçalves Raimundo.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Propriedade

Arrenda-se na Conceição de Tavira, que consta de sequeiro e casas de moradia, «Fazenda de Amélia Pisco». Tratar com a viúva do Calço — Mercado Municipal — Tavira.

Agradecimento

A família de Joaquim Martins Candeias vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e bem assim a todas aquelas que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

Participa que no próximo dia 25 do corrente se realiza a missa de sufrágio, agradecendo a todos os que se dignarem assistir ao piedoso acto.

SALÃO GRACIETE

Participa a todas as suas estimadas clientes que assistiu há dias na capital, ao Festival do Penteadado 1964-1965, apresentado na nova linha «CARESSE». SALÃO GRACIETE, uma casa ao vosso dispor, na Rua da Liberdade, 42 r/c - Telefone 288 — TAVIRA

J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

A maior parte das terras portuguesas cultivadas são ácidas. Sem boas adubações azotadas poucas terras produzem bem. Há adubos azotados que acidificam as terras e outros que as neutralizam. NITROLUSAL e NITRAPOR de

NITRATOS DE PORTUGAL

são dois adubos azotados que não acidificam as terras e o NITRATO DE CALCIO até ajuda a reduzir a acidez. Se as suas terras são ácidas consuma destes adubos que são bons e lhe melhoram a fertilidade das terras, pois as torna menos ácidas.

NITRATOS DE PORTUGAL

UMA CARTA 'Turista Aflito'

Senhor Director do Jornal "Povo Algarvio"

Peço a V. que me desculpe por roubar com este mal alinhavado escrito um precioso bocado do vosso conceituado semanário.

No passado dia 12 do corrente, à hora do crepúsculo, junto ao mercado de Santa Luzia (onde é poderia acontecer uma coisa destas) um carro de matrícula dinamarquesa parou junto a mim, saindo da viatura um esguio nórdico, nada calmo a contradizer a tão apregoada fleuma que dizem possuir os homens da Escandinávia. Pronunciou palavras que eu não compreendi, ao mesmo tempo que amparava com as mãos toda a região abdominal.

Recorri à mímica e indiquei-lhe se desejava comer ou beber, respondendo negativamente com a cabeça, ao mesmo tempo que mordia contraído o fino lábio, fazia outros gestos que eu conclui ter o bom homem necessidade urgente de satisfazer uma necessidade fisiológica. Como é natural, olhei para as sentinas públicas e verifiquei que já se encontravam encerradas. Esta informação foi recebida pelo aflito turista como balde de água fria e reagindo como fera chumbada sem mais aquelas partiu não em contra-relógio mas sim contra outra coisa que lhe pesava como chumbo e até cheirava mal em pensar o que era.

As sentinas de Santa Luzia construídas há 20 anos fecham logo que o sol se esconde por não haver luz em tão indispensável lugar.

O turista supunha encontrar aqui uma praia com todos os requintes, pois dispunha de um mapa que tinha escrito em letras de tamanho respeitável, o nome da praia de Santa Luzia e neste mapa como noutros não consta que Tavira tenha qualquer praia.

Os dinamarqueses não têm sorte em Santa Luzia. Há 30 anos, professores desta nacionalidade aportaram aqui em escaler; é histórica a recepção dispensada aos estranhos pedagogos onde não faltaram remos de 28 palmos e outros mimos do género, que só não foram utilizados por que na hora providencialmente apareceu um santaluziense, há muito radicado nos Estados Unidos e por isso tudo se resolveu admiravelmente em inglês. Em 1962 outro dinamarquês passou aqui um mau bocado e maus bocados passa a maioria dos habitantes desta sossegada povoação em noites de desarranjo intestinal, porque de noite em Santa Luzia... não pode ser nada.

José António de Oliveira

Maria Helena Bento



Agradecimento

Sua família, impossibilitada de poder fazê-lo pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua doença e às que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, assim como às que de qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar.

Empregado de Mesa

Sindicalizado, com prática de balcão e cozinha, oferece-se, com carta de ligeiros.

Resposta a António Domingues Rodrigues, Vila Nova de Cacela (até às 24 horas do dia 24 do mês corrente).

Enumera a seguir os quadros recebidos. E... no dossier paroquial, só volta a haver correspondência sobre este assunto em 1958.

Mas a Oficina de Restauro estava a ocupar-se dos quadros e, no fascículo II do Volume III, referente ao período de Janeiro de 1954 a Dezembro de 1955, do Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga, o Sr. Abel de Moura publicou um artigo intitulado «Quatro Tábuas Quatrocentistas examinadas no Laboratório do Museu». Por gentil oferta daquele ilustre Pintor, que ora dirige interinamente o Museu Nacional de Arte Antiga, obtive um exemplar daquele boletim, que para mim foi duplamente preciosa: primeiro porque me elucidou sobre os trabalhos nos quadros até àquela altura e segundo porque consigna publicamente a minha «louvável iniciativa» do estudo e tratamento das tábuas. É isto para mim foi muito importante, porque anda já para aí tanta gente a enfeitar-se com os quadros de Tavira (numa carta alguém escrevia: «Desde que os revelei aos entendidos...»; arqueólogos da 25.ª hora entraram nisto como Pilatos no Credo, etc.), que eu começava a duvidar se teria sido realmente a minha pessoa que os foi descobrir na humilde ermida, onde já hoje «stariam desfeitos pela humidade... Assim, se alguém tiver sonhado que foi e não fui eu, vá à página 69 do referido Boletim e ficará convencido de que não foi e fui eu...

Vénia para o desabafo e adiante. No Instituto de Restauro sucedeu que «ao examinar a factura da pintura, foram notados relevos que denunciavam um desenho não coincidente com o pregueado das vestes das figuras representadas», o que levou a crer na existência de uma pintura modificada e a submeter os quadros a um exame radiográfico.

«Dada a opacidade dos pigmentos daquela pintura aos raios X, não foi possível nas primeiras radiografias, obter uma imagem subjacente que permitisse uma fácil leitura.»

Tiveram de fazer várias tentativas, em que prestou valiosa colaboração o técnico de fotografia, Sr. Abreu Nunes, tentativas coroadas finalmente de êxito e que acusaram «com bastante nitidez a presença de uma pintura anterior ao século XVI.»

«A pintura descoberta revela um desenho e uma técnica peculiares do século XV, bem como a representação erecta da composição figurativa, dos acessórios e dos panejamentos.»

«De acordo com as entidades interessadas fizeram-se as primeiras sondagens e a remoção de alguns fragmentos a fim de se descortinar melhor a pintura primitiva. «Estas sondagens e os subsequentes trabalhos de restauro eram dirigidos pelo benemérito restaurador Sr. Fernando Maldel, chefe da Oficina de Restauro do Museu.

Ficou admitido, nesta altura, que «não se trata de obra de um artista de grande classe, no entanto verifica-se certa qualidade naquela pintura que denuncia o estilo e certas características da escola portuguesa do século XV.»

Chegou-se à conclusão de que a sua conservação permitia uma reintegração total das figuras e dos fundos originais, conforme se podia já avaliar pelos fragmentos descobertos.

O artigo do Boletim é acompanhado de várias fotografias por onde se podem fazer comparações.

A primeira referência pública a estas sondagens foi feita pelo Sr. Dr. João Couto, então Director do Museu, na Reunião Internacional da ICOM, realizadas em Lisboa, em 1952, e publicada no seu trabalho intitulado «Aspectos actuais do problema do tratamento das pinturas».

CONTINUA

Álvoro Pais

LARANJA

Vende-se a presente novidade da Quinta da Fonte Santa, na Luz de Tavira. Recebem-se propostas na propriedade.

Balada do Rei de Stuhl

A história daquele velho rei de Tule que bebeu por uma taça muito rica e em seguida a destruiu é já muito antiga e velha conhecida de todo o mundo.

Em coisas de contos e lendas estas decisões e costumes não são de estranhar e a estranheza denota até originalidade de imaginação.

O que parece bem estranho é que, na manhã seguinte às festas próximas do jardim, o empedrado esteja aravancado por completo de cadeiras desengonçadas e partidas, entre as quais as vendeiras de galinhas e ovos têm de andar pesquisando alguma mais válida para dela se apropriarem por umas horas.

Dar-se-á o caso de que os assistentes às festas, deveras sensibilizados, resolvam destruir a cadeira em que experimentaram os seus prazeres auditivos e visuais, como o rei destruiu a copa por onde sorveu a sua satisfação gustativa?

Nesse caso, a hora da balada poderá considerar-se de balada e, eles, em vez de reinarem em Tule, reinarão em Stuhl, supondo que o bilhete do espectáculo inclui a cadeira e no fim podem inutilizar um e outro.

Casas do Povo

Continuação da 1.ª página

cessário para aquisição beneficência ou ampliação do seu lar, bastando apenas, que, para tal, faça o seu pedido de empréstimo à entidade de que depende.

Muitos são ainda os trabalhadores que desconhecem esta regalia, não obstante todos os esforços de divulgação e esclarecimento empregados, nos meios rurais, pela Junta Central, Delegações do INTP e Casas do Povo, e, nos meios operários, pelas Missões de Acção Social que assim procuram dar a conhecer uma vantagem de larguíssima projecção social.

O Ministro das Corporações e Previdência Social, sr. Prof. Dr. Gonçalves de Proença, que a este instante problema tem dedicado particular atenção, ainda há pouco se deslocou ao norte do País onde, na vila de Valongo, presidiu à entrega de alvarás de concessão de terrenos aos beneficiários das Caixas de Previdência. Prossegue, pois, a política da habitação procurando dar um lar a cada trabalhador português.

Assinal o «Povo Algarvio»

GAZETILHA

Festa da Terra!

Festa da terra? Que é dela? Em Tavira foi melhor? Conquistou por ser mais bela A camisola amarela Dos festivais em redor?...

Festa da terra, turismo? Gostaria de saber Se todo esse hiperbolismo Do festival, o realismo, Foi só pro inglês ver.

Festa da terra, quem viu? Nem cortejos alegóricos, Nem casamentos a fio, Nenhum burro se insurgiu, Só houve ranchos folclóricos.

Festa da terra, que graça! Dizem em tom de farsite, Que o povo ocorreu em massa Pra ver o corso na praça E enfiou grande barrete.

Festa da terra, cinema? E os cortejos hiperbólicos? Ficaram todos em esqueima, Com cavalos de poema E casamentos simbólicos?

Festa da terra, que azar! Cavalos ajacizados Fizem-se anunciar, Não se ouviu o relinchar Por estarem mal albardados?

Festa da terra, uma treta! Diz o povo em seus sussurros, Não passou de tabuleta De reclame de gazeta O tal cortejo dos burros...

Zé da Rua

Manuel Geraldo

PRESTÍGIO E RECONHECIMENTO DO CICLISMO TAVIRENSE

SE o ciclismo tavirense muito deve ao entusiasmo de todos nós e por conseguinte Tavira é base do progressivo nível que os corredores do Ginásio têm alcançado, certo é também que a nossa cidade tem recebido tanta compensação desta modalidade que, sem receio algum, afirmamos:

Tavira tem de estar agradecida e orgulhosa dos seus corredores. Isto não só pelas diversas relevâncias dos nossos ciclistas nas provas disputadas, pelo seu comportamento e apuro traçado dentro das normas, princípios de todo o bom atleta, como ainda pela imposição de carácter tavirense, aquela alegria e maneira de ser característica do algarvio que em cada português conquista uma amizade.

Só quem como nós, que desde há quatro anos acompanha a grande prova do ciclismo nacional, a «Volta a Portugal», poderá observar por todas as estradas do País onde a caravana da «Volta» leva a embaixada da nossa cidade, a euforia, o carinho e a admiração que os ciclistas tavirenses, o Ginásio e a própria cidade de Tavira disfruta por parte de todos os portugueses.

Pelas diversas estradas do continente onde os ciclistas rodam e lutam pelo prestígio, os nomes dos nossos corredores e de Tavira são escritos a cada passo, no asfalto. Bandeiras do Ginásio, aparecendo como por encanto, fazem-nos sentir orgulhosos, enquanto que mãos amigas procuram as nossas, como se algo de muito valessemos.

Um rol de distinções sensibilizam-nos e fazem-nos convencer que vale a pena trabalhar por um ciclismo tavirense melhor.

Inumerar as deferências e o carinho de que somos alvo durante a Volta, por parte de tanta gente seria quase impossível. Porém não poderíamos escrever sobre a simpatia que gira à volta do Ginásio de Tavira sem nos referirmos a algo para o qual desde já afirmamos, as palavras serão pouco para reproduzir fielmente o que tem sido a recepção à nossa equipa, há dois anos, em Caxarias, nas etapas terminadas em Vila Nova de Ourém.

Já o ano passado havíamos visitado a Fábrica de Cerâmica Tijomel, em Caxarias, onde a equipa do Ginásio ficou instalada após a etapa que terminou em Vila Nova de Ourém. Este ano, acompanhando a equipa, voltamos àquela unidade fabril, cujas excelentes instalações foram igualmente postas à disposição da caravana tavirense, e os seus componentes rodeados de tão grande e insistente amabilidade, à qual ficamos eternamente gratos.

No amplo e moderno refectório que serve os operários daquela Cerâmica, podia ler-se alusivo ditico de saudação aos algarvios, com os seguintes dizeres:

«A Fábrica de Cerâmica Tijomel saúda a caravana do Ginásio de Tavira e o grande louletano Tenazinha».

Inspeções Militares de 2.ª época

O Distrito de Recrutamento e Mobilização n.º 4 avisa os mancebos da sua área, que faltaram à Inspeção na 1.ª época, que as Juntas de Recrutamento funcionam em 2.ª época, na sua sede, em Faro, nos dias 6 e 8 do próximo mês de Outubro, onde devem efectuar a sua apresentação a partir das 9 horas dos referidos dias.

S. Marcos da Serra

(Continuação da 1.ª página)

campônios que ao verem-se com um diploma de exame da 4.ª classe, fogem com desprezo das lides do campo, ingressando na construção civil, etc. vem reforçar a minha forma de pensar exposta nas colunas do «Jornal do Algarve», a qual foi ridicularizada por determinado inconsciente de Faro, o qual, pela sua idade, podia muito bem ser meu filho, mas julga-se muito mais visionário e criterioso do que aqueles que vão já a caminhar para o fim.

Enfim, Amigo Zé da Serra, cumprimentos a todos esses bons Amigos de S. Marcos e para os meus estimados Primos, e um abraço mental para si, do

PROEZAS À BEIRA-MAR

Eis a pequena novela dum caso que ainda há pouco deu que fazer à toquela de meio mundo quase louco:

Certa família distinta, chic da ponta da unha, cuja graça se não pinta e em resumo se compunha

da mamã que é Figueiroa da Silveira Pantufina, uma excelente pessoa cem por cento gente fina,

(era Antica, hoje é D. Ana e senhora de relevo, as graças de que se ufana não termino, se as descrevo;

para realçar o seu nome, para apagar o bigode, não há nada que não tome, nem coisa que a incomode!);

Do papá que é bom sujeito, inspector sem inspecção, e está na praia, satisfeito, por moda, a passar o Verão,

(não traz nada sobre o pêlo — a roupa já se não usa — tão torrescado que ao vê-lo parece barro de infusa);

da menina — nem se fala! — mais fina do que o papel, passava os dias na sala pondo produtos na pele;

agora torra na areia ou sobre as águas se lança, tal qual como uma sereia boiando na onda mansa.

Gosta de tudo o que é novo, de luxo, nada lhe basta, não sabe estrelar um ovo mas joga bem à canasta.

Arranjou um namorico com um moço estrangeiro que trouxe a água no bico: de antemão pediu o dote.

O pai, a bom entender não tem nada de imbecil, concedeu, mas foi requerer logo os papéis para o civil.

Parecia tudo em bom ponto e ponto de apuração, mas, afinal... eu lhes conto a grande consternação:

Há dias, toca a sereia. Incêndio! Pronto! Acudir! Nem cidade nem aldeia acausam fumo a subir...

Silvos de bombas afiitos. Ai, credol onde será? Galga no ar, tudo aos gritos, varridos de cá para lá.

Que coisa estranha, da laia das que mais há que estranhar: um incêndio além na praia, fogo na água do mar!

Noite... lua... fantasia... saíra a filha de casa e atira-se à maresia com o coração em brasa.

Depois... quem sabe?... boiando mal nas ondas se sustém, o pai, aos pulos, bradando (que potente voz que tem!);

— Depressa, que perco o tino, quem é que pode valer ao incêndio submarino dum coração a arder?

Saltam bombeiros, sem desdouro todos se atiram ao mar. Ela recusa. O namoro é quem a pode salvar.

O namoro, muito ligeiro, tratou mas foi de embarcar, num barco para o estrangeiro, sem tenções de cá voltar.

Foi-se o dote, mas apenas por simples recordação; leva os dotes das pequenas para fazer colecção.

Não sei em que é que ficaram depois da deflagração, mas creio que todos formaram ponto de interrogação.

E os bombeiros, que dispêndio! (mas que mão-de-obra pobres fazer?) vão ter material de incêndio para corações a arder.

X.

Alvíssaras

Dão-se a quem entregar um per de brinco de ouro, com pérola e brilhante. Nesta Redacção se informa.

CASEIRO

Trabalhador, meeiro ou quinteiro, precisa-se para a propriedade do Patarinho.

Tratar com João Campos, Quinta do Mirante — Luz de Tavira.

TOTOBOLA

3.ª jornada 27/9/64

Nome: «Povo Algarvio»
Morada: TAVIRA

- | | | |
|----|------------------------|---|
| 1 | S. L. Oliv. — Casa Pia | 1 |
| 2 | Vitória L. — Sacav. | 2 |
| 3 | Amadora — Vilafrang. | x |
| 4 | Ovarense — P Brandão. | 1 |
| 5 | Fafe — Gil Vicente | 2 |
| 6 | Paio Pires — Sesimbra. | x |
| 7 | Juvent Hull — A. S. A. | 2 |
| 8 | Corunha — Barcelona | 2 |
| 9 | A. Bilbao — Valência | 1 |
| 10 | Las Palmas — A. Mad. | x |
| 11 | Múrcia — Bétis | 2 |
| 12 | Génova — Bolonha | 1 |
| 13 | Torino — Atalanta | 1 |

Jorge Cruz

O Concurso para os órgãos de informação...

Ninguém conseguiu acertar no mínimo exigido para atribuição de prémios!

Para a próxima semana os prémios são a dobrar!

O primeiro concurso do Totobola da sua quarta época de actividade «salu» difícil! Com efeito, nada menos de cinco empates — alguns, constituindo verdadeiras surpresas! — e outros resultados inesperados, impediram que houvesse concorrentes com 13 resultados certos.

Isto, no concurso geral, no concurso especial para os órgãos de informação, que segue em paralelo com os concursos gerais, também ninguém conseguiu acertar no mínimo de resultados exigidos para poderem ser atribuídos prémios. Realmente, ninguém conseguiu acertar em 10 jogos, havendo apenas três concorrentes que atingiram nove resultados certos, número insuficiente, de acordo com o Regulamento deste concurso.

Quer isto dizer que não serão atribuídos os prémios desta semana, devendo ser acrescentados aos do próximo concurso, que terá, portanto, 4 000\$00, para o primeiro prémio e 2 000\$00 para o segundo.

Começou com excepcional interesse e compreensível expectativa o concurso para os órgãos de informação de época de 1964/65...